

Apresentação

Este número da revista foi pensado com o objetivo de destacar pesquisas sobre a produção intelectual, nas mais diferentes áreas, que se ocupou do enfrentamento dos problemas nacionais e da busca por soluções, contribuindo para um melhor entendimento do País e para o desenvolvimento de áreas específicas de conhecimento.

As interpretações sobre as trajetórias e ações de diferentes estudiosos da natureza e da sociedade brasileira têm aumentado significativamente desde pelo menos os anos de 1990 (Botelho & Schwarcz, 2009). As abordagens das relações entre a produção científica e as maneiras de apresentar e representar o Brasil tem se demonstrado frutíferas para a compreensão da sua configuração. Trazendo ângulos e níveis estratigráficos variados de análise, esses estudos enriquecem o debate sobre o desenvolvimento político, social e científico do País.

Muitas vezes, a indistinção entre ciência, pensamento social e literatura, presente nas trajetórias dos personagens e projetos aqui reunidos, possibilita perceber outras tramas, com fronteiras disciplinares e temáticas sinuosas, evidenciando ações complexas e contextualizadas por parte de sujeitos que estiveram firmemente envolvidos na identificação, desenvolvimento e interpretação do Brasil.

É notório que nas duas últimas décadas houve o fortalecimento e, pode-se dizer, a consolidação de uma área de pesquisa denominada “Pensamento Social do Brasil”, que vincula pesquisadores interessados em questionar e compreender a atuação de

intelectuais que produziram interpretações sobre a sociedade brasileira. A importância do escrutínio do pensamento desses intelectuais se dá não apenas para o entendimento da sua atuação e lugar social no passado, mas contribui também para recuperar a dimensão processual da construção do que entendemos hoje como Brasil (Botelho & Schwarcz, 2009). É nessa área que podemos colocar em contato cientistas, literatos e gestores de políticas públicas, unidos pelo empreendimento de conhecer e pensar o país.

Diante disso, o Cadernos de História da Ciência, editado pelo Laboratório Especial de História da Ciência - Instituto Butantan, tem procurado apresentar tais diálogos, interfaces e interpelações, reforçando o interesse interdisciplinar nas ações e no pensamento.

Neste número temos dois artigos que abordam importante momento na história da ciência brasileira, destacando a idealização e a execução de uma expedição científica concebida por brasileiros, com forte teor nacionalista presente desde o planejamento até a composição da Comissão que levaria adiante o projeto. Trata-se da Comissão Científica de Exploração (1859 – 1861), incumbida de escutinar a natureza e a sociedade do Norte do País. O primeiro artigo de Francisca Hisllya Bandeira Cavalcante “Ciência brasileira em ação: natureza e história nas investigações da Comissão Científica de Exploração (1859 – 1861)” apresenta o trabalho da Comissão contextualizando-a na especificidade do desenvolvimento das ciências naturais e suas práticas, inserindo-a num projeto pragmático de Estado com relação a utilização da natureza sob o seu domínio. Destaca também, a especificidade da presença e da prática dos cientistas nas localidades do Ceará. Os procedimentos de descrição e de coleta de exemplares da flora, fauna, solo, rios, e pedras causavam estranhamento junto à população local. Esses estranhamentos são somados a outras dificuldades de viabilização do trabalho dos pesquisadores que, segundo a autora, cumprem, apesar dos problemas, boa parte dos objetivos iniciais da incursão ao Norte do País.

Já o artigo de Karoline Viana Teixeira “Comissão Científica de Exploração: uma experiência de transição no fazer científico brasileiro” procura se contrapor a boa parte da historiografia sobre o tema que entende o empreendimento de maneira pejorativa. A autora constrói seu trabalho demonstrando o lugar da Comissão e a perspectiva da ciência num momento em que o Império brasileiro pretendia investir em seu processo civilizatório e de construção de uma nação moderna e civilizada.

O artigo de Alberto Luiz Schneider “Pensamento social e linguagem n’*Os sertões* de Euclides da Cunha, traz elementos importantes para pensar esse clássico da história e da literatura brasileira. Schneider analisou as concepções de ciência e os determinismos raciais que permearam a escrita d’*Os sertões* articulando – ciência e escrita, com as idiosincrasias de Euclides, o contexto da virada do século XIX para o XX no País e a recepção da obra entre alguns dos principais intelectuais da época. O artigo de Schneider aborda um aspecto importante d’*Os sertões* – a linguagem, sua forma e sua força na descrição/interpretação das cenas compostas de paisagem e de personagens com as quais Euclides da Cunha se deparou na trágica Canudos.

Também uma reflexão sobre ciência e literatura é trazida por Daniel Pinha da Silva a partir da análise de alguns aspectos da obra do crítico literário Silvio Romero. Para o autor, Romero considerava a literatura como fundamental para a formação da nacionalidade e a ela conferia a missão de ir para além do texto, exercendo um papel mais ativo frente ao projeto de uma nação independente que o próprio Romero defendia. Mas era preciso que os literatos e também os jornalistas e políticos – entendidos por Romero como responsáveis pela formação mental dos brasileiros, conhecessem o novo repertório científico que circulava pelo País.

Ainda na relação entre ciência e outras artes destacamos o artigo de Jorge Carreta sobre o desenhista e ceroplasta Augusto Esteves que atuou no meio científico de São Paulo na primeira metade do século XX. O artigo demonstra o lugar do

desenho e da ceroplastia na composição das ciências do período e a especificidade desse tipo de trabalho no percurso vivido por Esteves entre o Instituto Butantan, a Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.

A resenha deste número é sobre a tese de Ana Carolina Vimieiro Gomes “Uma ciência moderna e imperial: a fisiologia brasileira no final do século XIX (1880-1889)” – o trabalho foi premiado pela Sociedade Brasileira de História da Ciência e nos é apresentado por Márcia Regina Barros da Silva.

Por fim na seção de Documentos, publicamos o discurso de 1918 de Arthur Neiva, então diretor do Serviço Sanitário de São Paulo, na inauguração do Horto Oswaldo Cruz no Instituto Butantan. No discurso, Neiva liga a criação do Horto às aspirações de D. Pedro II e o apresenta como um lugar de estudo da flora brasileira com a finalidade de ser útil à indústria e à medicina do País. A homenagem a Oswaldo Cruz, falecido um ano antes, aparece como forma de comprometer o Instituto Butantan a honrar o nome do prestigioso cientista. Os destinos do Horto ainda estão por serem mais bem esclarecidos. No entanto, o documento é emblemático do imaginário da época e do projeto de ciência que se desenvolvia nas instituições de pesquisa do estado de São Paulo. A visibilidade que damos a este documento está relacionada ao Projeto de pesquisa (do Laboratório Especial de História da Ciência e do Museu de Saúde Pública Emílio Ribas) que objetiva compreender a atuação de Arthur Neiva à frente da gestão da saúde no estado de São Paulo.

Um número cujos trabalhos se concentram entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX e que apresentam elementos importantes para se pensar o desenvolvimento da ciência brasileira nas articulações produzidas pelas humanidades e pelas ciências naturais, num contexto de constituição da ideia de nação.

Boa leitura!